

Mercado de olho nas urnas

Para analistas, com fim da desculpa do nervosismo pré-eleitoral, chegou a “hora da verdade” do dólar

ALBERTO KOMATSU E
REPÓRTER DO JB

SÔNIA ARARIPE
EDITORA DE ECONOMIA

Hoje, as atenções do mercado financeiro estarão voltadas para o resultado das urnas. Num eventual vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, muitos analistas consideram que terá chegado a “hora da verdade” para o dólar, que absorveu todo o nervosismo pré-eleitoral e ficou perigosamente perto dos R\$ 4.

Para economistas ouvidos pelo **Jornal do Brasil**, a cotação da moeda americana não deve recuar significativamente com os resultados do pleito. O ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso adverte que os solavancos do mercado dos últimos meses mostram que não é hora de crer em ânimos acalmados.

– Qualquer previsão é puro palpite. O mercado está completamente irracional. E, dessa forma, não dá para acreditar que o movimento passará a ser técnico apenas por conta da realização das eleições. As dúvidas ainda são imensas. Qual será a equipe econômica do futuro presidente? Como será a fase de transição? – considera.

O economista-chefe do Banco Itaú e ex-diretor do Banco Central, Sérgio Werlang, observa que seria muito importante a definição ao menos dos cargos mais importantes do futuro governo. E cita o caso dos ministros da Fazenda, do Planejamento, das Comunicações, das Relações Exteriores e, é claro, da presidência do BC.

– Esses nomes ajudariam a dar credibilidade e acalmariam o mercado. Costuma ser assim depois que os resultados saem e os nomes são indicados. Mas is-

so não quer dizer que esse cenário irá se repetir dessa vez – lembra Werlang, que observa ainda que o quadro da economia internacional ainda terá muito impacto no ritmo do mercado brasileiro.

Um dos principais assessores econômicos de Lula, Guido Mantega, reconheceu na semana passada que o dólar “não deve retroceder”. Para ele, que também é professor da Fundação Getúlio Vargas, o dólar tem sido afetado pelas “condições adversas do cenário internacional”, como a desaceleração da economia americana e as quedas das bolsas internacionais.

O ex-diretor do BC Carlos Thadeu de Freitas tem opinião parecida. Para ele, o dólar só tende a recuar frente ao real em 2003. Um dos fatores de pressão

até o fim deste ano, diz, é o vencimento de US\$ 3,6 bilhões em títulos cambiais, no próximo dia 17 (*leia mais abaixo*).

– Se o BC não rolar essa dívida, vai haver pressão sobre o dólar – conta Freitas, enfatizando crer que a instituição conseguirá rolar essa dívida.

Freitas, que também é professor do Ibmec Business School, acredita que a eventual transição da equipe econômica de Fernando Henrique Cardoso para a de Lula já estava sendo armada meses antes das eleições.

– A transição já estava sendo feita no dia-a-dia. Como o PT vinha reconhecendo que o Fundo Monetário Internacional era necessário, não deverá haver solavancos – diz.

Para o economista, o primeiro grande passo da equipe de

um possível governo Lula será restaurar a credibilidade do país no mercado internacional para permitir uma volta do financiamento externo. Na opinião de Freitas, isso só será alcançado se a equipe petista puder participar das próximas reuniões com o FMI e mostrar que está disposta a seguir o “receituário” do Fundo, pois “não há outra alternativa”.

Outro ponto importante para a transição, segundo Freitas, é permitir a continuidade do trabalho que já vem sendo feito pelo BC, mas só com uma ressalva. O banco não deveria queimar as reservas cambiais para conter a alta do dólar, de forma que Lula possa iniciar seu governo munido delas. Além disso, ele prega que alguns preços, como o da gasolina, deveriam ser reajustados agora, para que “comecem alinhados” o próximo ano. As perspectivas para os seis primeiros meses de 2003 não são muito animadoras, na visão de Freitas.

– No primeiro semestre, não vai haver espaço para crescimento, por causa da pressão inflacionária e com o mercado externo fechado para o Brasil – diz. Para Freitas, a recuperação deverá vir no segundo semestre, quando o país começará a ficar menos dependente do capital estrangeiro.

O professor da FGV Luiz Carlos Ewald acredita que o dólar deva recuar a partir de hoje. Até o fim do ano, ele acredita que a cotação da moeda americana fique entre R\$ 2,80 e R\$ 3. Para Ewald, vai valer a máxima do mercado financeiro, a de que “compra-se no boato e vende-se no fato”.

Para o diretor da corretora Ágora Sênior Alvaro Bandeira, a transição para o próximo governo pode ser tranquila. Mas só se a equipe econômica for anunciada com rapidez. Até o fim do ano, na avaliação dele, o dólar deve ser cotado entre R\$ 3 e R\$ 3,20, porque o atual patamar está exagerado.

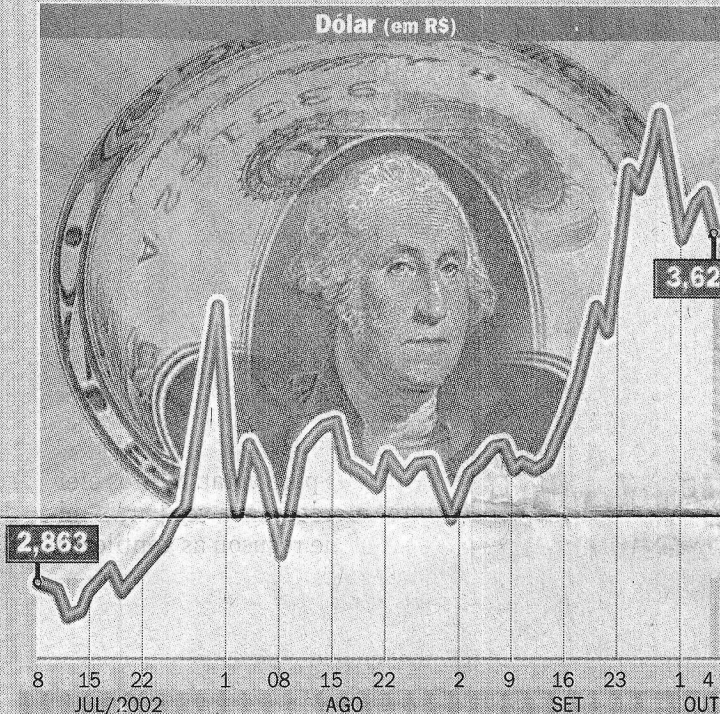
– O mercado já *precificou* (embuiu na cotação do dólar) a vitória de Lula no primeiro ou no segundo turno.



WERLANG

O COMBUSTÍVEL DA ESPECULAÇÃO

Dólar (em R\$)



Cronograma de vencimentos da dívida externa (em US\$ milhões)

	Sector público	Sector privado	Total
Outubro	657	1.856	2.513
Novembro	221	1.539	1.760
Dezembro	1.573	2.178	3.751

O perfil da dívida pública

R\$ 622,8 bilhões	34,98%	R\$ 26,6 bilhões
era o valor da dívida em títulos do governo em agosto	do total estão atrelados à variação do dólar	em títulos cambiais vencem entre outubro e dezembro

Como o câmbio afeta o seu bolso



Gasolina

A Petrobras vem segurando o repasse da alta do dólar ao preço da gasolina, que segundo alguns analistas, está com uma defasagem de mais de 30%. Mas, com as cotações da moeda americana e do petróleo nas alturas, um aumento será inevitável. O reajuste dos combustíveis afeta os custos com transportes, tanto das passagens de ônibus e aviões quanto do frete de mercadorias



Alimentos

São diretamente afetados os produtos que têm preços dolarizados, como o trigo (usado em pães e massas), a soja e o milho



Bens duráveis

Mais de um terço dos custos das montadoras é dolarizado e, com a alta da moeda americana, trocar de

carro fica mais caro. Eletrodomésticos e aparelhos eletroeletrônicos também tendem a ser reajustados. O repasse só não vem sendo integral devido ao ritmo lento da economia brasileira: com pouco dinheiro em circulação, a margem de repasse do câmbio aos preços fica limitada



Investimentos

Aplicações cambiais continuam sendo uma aposta de alto risco. O pequeno investidor não deve embarcar em ondas especulativas, sob pena de perder muito dinheiro. Investimentos em moeda americana só são recomendáveis para quem tem dívidas em dólar para saldar. Ações são outra opção arriscada, mas que oferece perspectivas de ganhos expressivos a longo prazo. Poupança e CDB são alternativas indicadas para quem não quer perder o sono